

A ARTE SIMBÓLICA DE GUSTAVO VON HA

Guido Arturo Palomba

Foto: Maria do Carmo Malacrida



Óleo sobre tela 70x100

Gustavo Von Ha. Provavelmente o leitor está deparando o nome pela primeira vez. Como ele certamente se repetirá ao longo dos anos, em outros jornais, revistas, rádio e televisão, tomamos a iniciativa de apresentá-lo aos que ainda não o conhecem: é um talentoso artista plástico de 25 anos. Que é talento: antigo peso em moeda, grande inteligência ou agudeza de espírito? Ou tudo a um só tempo? Sim, tudo. E é exatamente isso que Gustavo Von Ha tem. Seus quadros serão moeda, sua inteligência é aguda e sua sensopercepção diferenciada.

Gustavo Von Ha desenha desde criança. Os mais observadores do mundo infantil já perceberam que as crianças, antes de aprenderem a escrever, desenhavam. O desenho é lúdico, com ele o infante brinca criando; nota-se também que

umas crianças definem muito melhor os traços e têm mais inventividade do que a maioria das outras, que somente rabisca e borra. É interessante notar que essas crianças diferenciadas, ao atingirem a adultícia, algumas vão para a arquitetura, outras para a moda, para o jornalismo, para a literatura, para várias atividades criativas e para as artes plásticas. E, nessas, somente as que sabem desenhar bem serão verdadeiramente artistas (salvo raríssimas exceções), ainda que nem todas as que desenhem bem venham a ter sucesso.

O sucesso dependerá, basicamente, de dois fatores: muita perseverança e um pouco de sorte. Gustavo Von Ha é perseverante, e desde já lhe desejamos boa sorte. Saber desenhar ele sabe, desde criança, desde os quatro anos de idade que o faz com aptidão.

Sua pintura atual caracteriza-se pelo uso simbólico dos objetos do cotidiano, sempre semelhantes e sempre diferentes, repletos de significado, capazes de engendrar no observador a indagação: por que isso? Por exemplo, com o tema garrafas, "marca registrada" do artista, numa mesma superfície pictórica, numa tela de 70 x 100, 21 garrafas, semelhantes e diferentes ao mesmo tempo. Que quer isso dizer? São apenas receptáculos de conteúdo: nigredo, citrinita, mercúrio, veneno? Estão cheias, vazias, têm cheiro? Ou são apenas símbolos fálicos femininos (vaginias e úteros, cinturas e quadris)?

As garrafas precisam ser vistas em face do fundo do qual elas emergem. Ora lisos, ora trabalhados intensamente. Às vezes são de tal forma que fazem supor o grafismo dos alquimistas, dando a impressão de que no emaranhado das incongruências e dos simbolismos encontra-se a solução do mistério, e quem o decifrar saberá que substâncias guardam os multicoloridos frascos, com seus herméticos rótulos, e para que servem?

Gustavo Von Ha já faz sucesso fora do Brasil: expôs em Viena, Paris, Lisboa, Madri, Londres. Ganhou medalha no Ja-

pão, e nos Estados Unidos várias obras suas foram adquiridas por colecionadores de nomeada.

Aqui no Brasil vem se destacando com força, emergindo rapidamente no seio dos observadores atentos, com exposições interessantes e *marchands* renomados. Ganhou menção honrosa em mostra do Masp, foi selecionado para o VII Circuito Internacional de Arte Brasileira na Europa e, agora, para nosso gáudio, aqui na sede da Associação Paulista de Medicina, Pinacoteca Ernesto Mendes, estará expondo suas obras, de 18 de dezembro a 18 de janeiro próximos. Uma boa oportunidade para o leitor ver, ao vivo, suas telas e tentar decifrar o enigma das formas e das cores usadas, penetrando no arcano da "pedra filosofal", que não é *pop*, mas que nesse cadinho cozeu tintas e idéias.

Guido Arturo Palomba

Diretor Cultural

da Associação Paulista de Medicina

QUINQUINHAS

M. I. Rollemberg

Naquele grupo homogêneo, caracterizado pela similitude de atitudes e comportamentos, sua presença constituía um fato marcante. A maioria destacava-se nos esportes, sobretudo o basquete, e com ele era justamente o contrário. No entanto, sua presença transbordava alegria e humor, mesclados de um otimismo paradoxal nos maiores apertos e piores situações.

Muito cedo enveredou para o alcoolismo. Parecia um atavismo ligado ao pai, que um dia deixou definitivamente de beber. O Quinquinhas nunca abandonou o vício. Era uma coisa compulsiva, irrefreável.

Seu estado normal não mudava, com um humor que às vezes beirava a acidez, para logo em seguida transformar-se em candura e doçura. Impossível irritar-se com ele, que não deixava a tristeza e o acabrunhamento o dominarem e abater. Parecia um antídoto contra o mau humor. Porém, a tragédia o acompanhou *pari passu*, por toda a vida. Em um daqueles gloriosos dias de calor interiorano, estava com a família no rancho à beira do volumoso lago criado pela represa do Tietê. Tudo eram sorrisos, quando de repente aquele paraíso terrestre transformou-se no mais terrível pesadelo. O rapaz menor de idade reúne aquela moçada alegre, superlotando a caminhonete, e graças à sua imperícia e irresponsabilidade, joga o veículo em uma ribanceira, atirando para fora da carroceria os ocupantes. A sobrinha conhece a morte imediata. Sua filha, no esplendor da adolescência, tem a medula espinal seccionada, ficando condenada irremediavelmente à quadriplegia. A reação dessa menina como-

ve a todos, pois, apesar de sua situação dramática, não perde a alegria e o bom humor, chegando a impressionar médicos a até mesmo personalidades do exterior, como o ex-Super-Homem Christopher Reeve, que sofreu um acidente de consequências semelhantes e com ela passou a corresponder-se e trocar palavras de ânimo e coragem. Foi até alvo de reportagens televisivas, citada como exemplo de coragem. Conseguiu desenvolver em seu leito hospitalar algumas formas de clarividência. Herança do pai?

Gostava de cozinhar, embora um fracassado mestre-cuca, à vista de suas permanentes condições etílicas. A pescaria era mais um motivo de bebedeiras homéricas. Certa feita, ao fazer arroz equivocou-se e em vez de água, usou pinga. Um amigo, em condições semelhantes, ofereceu-se para corrigir a situação. Mas em vez de sal, usou açúcar. Havia levado dois garrafões de vinte litros, um com água e outro com pinga. Logo no dia seguinte levou uma bronca. Estava enchendo o garrafão de água com pinga. Saiu-se com esta: "O que vocês querem que eu beba?"

Com seu grupo de amigos e colegas ainda mais unidos continuou a vidinha, agora com cirrose hepática alcoólica, entremeada de infecções virais no fígado maltratado. Em breve veio a polineurite alcoólica; travando suas pernas, impedindo o andar, com o cortejo de dores atrozes. Seu bom humor inalterado. Certa noite, com a chegada dos companheiros de outras plagas, resolveram marcar um encontro no jardim da praça, palco

de grandes estripulias nos velhos tempos. Todos ali, menos o Quinquinhas. No dia seguinte reclamaram sua ausência e, na maior calma, foi contando que o filme na televisão estava bom demais. O enredo original contava a estória de um sujeito que se achava responsável pela morte trágica da mulher. Contratou, para sua autopunição, um assassino de aluguel para matá-lo. Pagou régua e previamente, com uma condição: o bandido deveria matá-lo sem aviso. Com o passar do tempo, verificou não ter nenhuma responsabilidade na morte da esposa. Ficou desesperado e passou a procurar o facínora por toda parte, sem sucesso. Nessa altura, todo o grupo em silêncio, atento e aguardando o desfecho. De repente parou. "E depois...?", perguntaram em uníssono. "Não sei, dormi..." "E o nome do filme?" "Não me lembro." "E a emissora...?" A resposta continuava negativa. Há colegas que procuram até hoje esse filme. Mais um dos traços da imponderabilidade do Quinquinhas.

Mas o sofrimento parecia não se apiedar. Como fumante inveterado, acabara desenvolvendo um câncer maligno. Descoberto em estágio avançado, muito pouco poderia ser feito. Aquele cortejo de quimioterapia, queda dos cabelos, radioterapia, tudo inútil. Nem isso conseguia abalar seu humor ou dar motivos para queixumes. Mas mesmo uma tragédia como essa tem seu limite. A notícia fatal. Finalmente havia chegado o momento de seu descanso.

M. I. Rollemberg
Médico-cirurgião

INAUGURAÇÃO DO MUSEU DE HISTÓRIA DA MEDICINA DA APM

Jorge Michalany

No dia 18 de outubro de 2002, o Dia do Médico, houve uma sessão solene em que eu e o Prof. Dr. José Paulo Cipulo fomos homenageados pela Diretoria da APM. Nesse mesmo dia, seria inaugurado o Museu de História da Medicina dessa associação. A mim coube ser homenageado pelo Dr. Guido Arturo Palomba, que, além do caloroso discurso, ofertou-me uma placa comemorativa do evento.

Fiquei tão emocionado com essa homenagem que, em vez de saudar e agradecer ao Dr. Palomba e aos presentes na mesa, José Luiz Gomes do Amaral, Presidente da APM, Dr. Eleuses Vieira de Paiva, Presidente da AMB, José da Silva Guedes, Secretário da Saúde do Estado de SP, José Erivalder Guimarães de Oliveira, Presidente do Simesp, e José Cássio de Moraes, representante do CRM, iniciei minhas palavras relatando como surgiu o Museu de História da Medicina da APM. Peço, portanto, minhas desculpas aos componentes da mesa e ao público por essa falha involuntária, consequência do meu estado emocional no momento.

Mas como surgiu a idéia do museu? Meu pai, o médico Nagib Faris Michalany, gostava de colecionar figuras da mais variada natureza e colá-las em álbuns. Na qualidade de estudante de medicina, eu manuseava os álbuns e algumas revistas de propaganda farmacêutica que faziam referências sobre a história da medicina, como *Therapeutic Notes*, do laboratório norte-americano Parke-Davis.

Quando meu pai faleceu, em 1946, desisti da clínica e da cirurgia, pois ficara apaixonado pela anatomia patológica. Para seguir essa carreira, resolvi viajar ao Exterior, onde permaneci dois anos. E foi nos Estados Unidos que me surgiu a idéia de montar um museu nos moldes daquele que existia em Washington, o Museu das Forças Armadas.

Voltando ao Brasil em 1949, além de continuar nas funções de assistente da EPM, fui contratado para fundar e diri-

gir o Serviço de Anatomia Patológica da Santa Casa de Misericórdia de Santos. Valendo-me da propaganda do laboratório Parke-Davis, solicitei dessa casa sua coleção de gravuras sobre história da medicina, no que fui plenamente atendido. Com essas 46 gravuras e outras tantas sobre patologia, sugeri montar um museu sobre essa ciência na Santa Casa. E, em janeiro de 1971, tive a satisfação de vê-lo inaugurado na qualidade de seu curador.

Infelizmente, o novo provedor, José Gomes das Silva, um advogado criminalista estranho a São Paulo e Santos, imbuído de uma volúpia de poder, resolveu afastar todos aqueles que pudessem ofuscar sua vaidade, entre eles, eu. Desse modo, o ímprobo provedor engendrou um falso motivo para despedir-me da Santa Casa. Apesar das artimanhas do criminalista, ganhei a causa na justiça, mas, infelizmente, perdi o museu que com tanto carinho eu fundara. Ele foi desmontado, as peças jogadas num depósito impróprio que provocou a perda de 40% do material iconográfico. Pura maldade de um advogado inculto e inimigo dos médicos da Santa Casa – aliás, em geral, advogados não gostam de médicos.

Depois de dez anos, quando o despótico provedor foi cessado, consegui reaver 60% do material e instalá-lo no Departamento de Anatomia Patológica da Escola Paulista de Medicina (EPM), do qual eu era o Professor Titular. Assim lá permaneceu o Museu até minha aposentadoria compulsória em 1986, expulsória, no dizer do Professor José Ribeiro do Valle.

Por ser eu um profundo conhecedor da EPM, fui convidado pelo Diretor do Museu Histórico da Escola, Dr. Wladimir da Prussia Gomes Ferraz, para ser o Vice-Diretor do museu, a fim de ajudá-lo na organização. Propus a ele ampliar o acervo com o material da Santa Casa de Santos, o que não foi possível por falta de espaço.

Com o falecimento do Dr. Wladimir, pensei que eu, como Vice-Diretor, se-

ria o sucessor na curadoria do museu, mas a pessoa da Reitoria à qual eu estava subordinado usou da clássica manobra característica do Brasil quando se quer despedir alguém indesejável: fazer a reestruturação do museu. Escrevi uma carta à responsável perguntando quais os motivos de eu ter sido preterido, mas, como é hábito também no Brasil, a missiva ficou sem resposta. Ademais, por eu não concordar com a esquerda festiva, esta sempre me considerou da direita.

Desse modo, não querendo perder o material, recolhi-o à minha casa, onde permaneceu durante 13 anos, quando então deu-me o estalo do Padre Vieira: ofertá-lo à APM. E assim, graças ao elevado interesse de meus ex-alunos José Luiz Gomes do Amaral, Antônio Valdemar Tosi e Guido Arturo Palomba, consegui um local para reverenciar a história da medicina.

Para iniciar a montagem do museu remeti inúmeras cartas a colegas e amigos, solicitando auxílio em espécie ou instrumental de uso médico. Tive a satisfação de contar com os primeiros 120 colaboradores, cujos nomes estão gravados numa placa de agradecimento na entrada do museu.

A direção da Associação Paulista de Medicina resolveu dar meu nome a esse museu. Agradeço e aceito com muito agrado esta homenagem por dois motivos: primeiro porque é melhor recebê-la ainda em vida do que depois de morto, já que, com 86 anos, só penso nos anos que me faltam e não nos que me sobram. Em segundo, porque tenho orgulho de ver gravado meu nome numa sociedade de médicos exatamente nesta Paulicéia, onde nasci, neste Estado de São Paulo que defendi durante a Revolução de 1932, e onde cursei a entidade de ensino chamada Escola Paulista de Medicina.

Jorge Michalany
Curador

ACADEMIA PAULISTA DE HISTÓRIA

ESBOÇO HISTÓRICO – 1972-2002

Célio Debes



Numa tarde de dezembro de 1972, na Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, de que era diretor Antônio Barreto do Amaral, Tito Lívio Ferreira, em palestra com ele e com mais três membros daquela instituição – Álvaro da Veiga Coimbra, Pedro Brasil Bandecchi e Célio Debes –, lançou a idéia da criação de uma academia de história.

A sugestão, acolhida pelos quatro com simpatia, iria corporificar-se dias depois, com a adesão de Manuel Rodrigues Ferreira.

Tito Lívio propôs que se elaborasse a lista dos 40 integrantes. Os nomes foram surgindo. Um dos primeiros lembrados foi o de Aureliano Leite, presidente do instituto, casa em que se concebera a nova criatura.

Da mesma forma, os seis organizadores da academia selecionaram os patronos de cada cadeira, sempre um historiador brasileiro, ou que versara sobre nossa história, já falecido. Os acadêmicos indicados, de modo geral, aceitaram os tutelares que lhes couberam. Quatro destes, no entanto, foram mudados. João Lúcio de Azevedo, Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, Robert Southey e Sebastião da Rocha Pitta, substituídos, respectivamente, por Alexandre de Gusmão (Cadeira 7), J. J. Machado de Oliveira (30), Basílio de Magalhães (36) e Francisco José de Oliveira Viana (38).

Ainda por lembrança de Tito Lívio, tomaram-se por modelo o Estatuto e o Regimento Interno da Academia Paulista de Letras para a elaboração de iguais regras para a sociedade a que se pretendia dar existência. Operadas as necessárias adaptações, ganhou a **Academia Paulista de História** estrutura orgânica.

Coube ao numismata e medalhista Álvaro da Veiga Coimbra a idealização do desenho da insígnia da academia, insígnia essa que, desdobrada, ladeia o título do **Boletim**, órgão oficial da academia – composto pelos anverso e reverso da medalha acadêmica, igualmente de sua inventiva. São, ainda, concepções suas a cercadura

que orna o diploma acadêmico e a capitular que abre os dizeres de seu texto.

O lema da academia – inscrito na medallha do colar imposto em seus membros ao empossarem-se – moldou-se na asserção de Cícero:

“História é a testemunha do tempo, a luz da verdade e a mestra da vida”

Munida de todo o aparato inerente às organizações de igual natureza, a **Academia Paulista de História** declarou-se fundada a 18 de dezembro de 1972.

Sua instalação, porém, só se verificou a 2 de fevereiro de 1973. A proximidade do final do ano dificultava a realização de solenidade condigna.

A data escolhida para o ato público não foi aleatória, coincidia com a efeméride que assinala fato insigne verificado em 1835. Instalou-se, na oportunidade, a Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo – primeiro traço da autonomia político-administrativa desta unidade territorial do Império centralizador.

No salão nobre do Instituto Histórico, teve lugar a sessão magna. De notar-se que essa centenária entidade cultural – a mais antiga de quantas vicejaram em chãos de São Paulo – tem sido a verdadeira manjedoura em que nasceram as academias Paulista de Letras, Paulista de Educação e Paulista de Direito.

Era uma época em que as atividades culturais gozavam de prestígio e respeito sociais, ao contrário da orfandade em que se encontram nos dias que correm, principalmente de parte dos poderes públicos e dos meios de comunicação. Contou-se com a presença de representantes do Governador do Estado e do Prefeito da Capital; com o comparecimento do Reitor da Universidade de São Paulo e dos Presidentes das Academias Paulista de Letras e Paulista de Direito, os Professores Doutores Miguel Reale, Ernesto Leme e Cesarino Júnior.

O discurso de abertura, proferido pelo Presidente Tito Lívio Ferreira, é uma peça

referta de conceitos, em que o orador analisa a problemática da história, “ciência do concreto”.

A saudação ao dirigente da academia coube a Brasil Bandecchi. Com a brevidade que costumava marcar seus pronunciamentos, enquadrou seus pares na conformidade de suas especializações. Os memorialistas; os analistas de personalidades, através do exame de suas obras; os anchietanos e os nobreguenses, na exaltação dos seguidores de Santo Inácio; os historiadores de São Paulo; os bandeiristas; os dedicados à Epopéia Constitucionalista de 1932; os numismatas; os arqueólogos; os dedicados ao magistério da história; os historiadores da medicina e da religião.

O ponto alto da reunião, impressionando pela riqueza de conceitos, pela fluidez da exposição e pelo profundo conhecimento da ciência da história, foi o improviso proferido por Miguel Reale, instado a falar. O mestre, também membro da nova confraria, acabava, literalmente, de chegar do Rio de Janeiro, onde presidira uma das afanosas reuniões da comissão incumbida dos estudos de revisão do Código Civil – matéria que só agora, cerca de seis lustros passados, logrou acolhida do Congresso Nacional!...

Daí em diante, a academia passou a atuar.

Sua direção inicial coube a uma diretoria numerosa, constituída pelo presidente, dois vice-presidentes, um secretário-geral, dois secretários e dois tesoureiros! A reforma dos Estatutos e do Regimento Interno, vigorante a partir de 10 de dezembro de 1975, reduziu o corpo diretivo a cinco membros, cabendo aos ocupantes principais daqueles cargos sua efetivação na nova composição. Apenas uma exceção, no tocante ao primeiro secretário. Assim, a Diretoria ficou integrada por Tito Lívio Ferreira, presidente; Brasil Bandecchi, vice; Barreto do Amaral, secretário-geral; Raul de Andrada e Silva, secretário; e Célio Debes, tesoureiro.

Em 1976, a academia sofreu uma turbulência, que afastou alguns de seus membros, afastamento hoje superado.

Dando cumprimento às determinações de seus Estatutos, sob a direção de Brasil Bandecchi e com o apoio da Biblioteca Municipal Mario de Andrade, durante vários anos a academia promoveu cursos de história de São Paulo, versando sobre vários de seus aspectos e ministrados por inúmeros especialistas.

Depois do falecimento de Bandecchi, esta missão ficou a cargo de Célio Debes. Dentre os cursos promovidos nessa fase, sempre com o apoio da Biblioteca Mario de Andrade, dois se destacaram: os relativos aos centenários da Abolição e da República. O que os caracterizou foi a época em que as palestras foram proferidas, um ano antes da comemoração da efeméride.

Procurou-se, com a providência, antecipar a comemoração de cada um desses acontecimentos históricos, chamando a atenção para eles por antecipação. Logrou-se, dessa forma, dar realce aos cursos que, caso se efetivassem em 1988 e 89, ter-se-iam perdido no meio dos incontáveis atos que celebraram os centenários.

Com a finalidade de divulgar entre os acadêmicos as atividades associativas, foi criado, por iniciativa de Manuel Rodrigues Ferreira, o informativo mensal, a princípio distribuído nas reuniões-almoço e, posteriormente, enviado pelo correio, antes da realização das ágapes, servindo, mesmo, para comunicar a data em que teriam lugar.

Na presidência de Duílio Crispim Farina, foi lançado, por iniciativa sua, o primeiro número do *Boletim*, aos 9 de julho de 1989, data magna do Estado de São Paulo. Tornou-se, como já se disse, nosso órgão oficial. Durante sua gestão, por persistência desse dinâmico acadêmico, foram editados 14 números. Douglas Michalany, ao assumir a direção da academia, deu sequência à publicação, até modificando-lhe a apresentação gráfica. De março de 1995 até agora (dezembro de 2002), mais 77 números vieram a lume, além de dois não numerados e um, o 14, com numeração repetida. A partir do número 80, o *Boletim*, contando com o apoio do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE), está sendo impresso em papel couchê. É de não se olvidar que essa publicação merecera, anteriormente, o apoio das empresas Conimbra, Forpape e Ripasa.

Ainda na esfera das publicações, surgiu a *Revista da Academia Paulista de História*. Os dois primeiros números, editados em 1981 e 1982, obedeceram à direção de Maria Beatriz Nizza da Silva. Decorrido um decênio sem

continuidade, o terceiro veio a lume, organizado por Duílio Crispim Farina, a 9 de julho de 1992, inteiramente dedicado ao sexagésimo aniversário da *Guerre Civil de 1932*. É o derradeiro deles até o presente.

As diretorias da academia, com mandato de três anos, sucederam-se nestes quase trinta anos, algumas reeleitas, presididas por Tito Lívio Ferreira (1973-75 e 1976-78; deixou a presidência em 76); Arrobas Martins (1977-79, não completou o mandato, tendo falecido em 25 de maio de 77); Lycurgo de Castro Santos Filho (1977-79 e 1980-82); Paulo Pereira dos Reis (1983-85); Odilon Nogueira de Mattos (1986-88); Duílio Crispim Farina (1989-91 e 1992-94) e Douglas Michalany (1995-97, reeleito para o triênio 1998-2000, e, após reforma dos Estatutos, reconduzido até 2003).

O inexorável da vida, viria, furtiva e sorrateiramente, despercebido, atingir a academia. Roubou-nos, de chofre, num golpe fulminante e inesperado, o primeiro companheiro, abatendo o meigo e cativante Jacob Penteado!

Inicia-se, a partir de então, a rotina das substituições. É que as academias, num contraste invencível, vivem da perenidade e da renovação de seus quadros. A cada vaga ocorrente, para que não pereça, têm de buscar alguém que a preencha e a dignifique. Fernando Góes, o cronista sensível e o historiador da literatura de robustos conhecimentos, substituiu Jacob Penteado condignamente, engrandecendo a Cadeira n. 13, mantendo-lhe o lustre e, mesmo, dilatando-o.

Nos quase trinta anos de sua existência, a Parca indomável prosseguiu em sua ceifa. Levou-nos Tito Lívio, Álvaro da Veiga Coimbra, Brasil Bandecchi e Barreto do Amaral, dentre os fundadores; e mais, na ordem numérica das cadeiras, José da Veiga Oliveira, Alfredo Gomes, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Arnaldo Amado Ferreira, Raul de Andrada e Silva, Arrisson de Souza Ferraz, Aureliano Leite, Arrobas Martins, Áureo de Almeida Camargo, Fernando Góes, Pedro Ferraz do Amaral, Eurípedes Simões de Paula, Vinícius Steim de Campos, Francisco Martins dos Santos, Paulo Pereira dos Reis, Hélio Abranches Viotti, Álvaro do Amaral, Heliodoro Tenório da Rocha Marques, Jorge Bertolaso Stella, José Ferreira Carrato, José Antero Pereira Júnior, Lycurgo de Castro Santos Filho, José de Mello Pimenta, José Pedro Leite Cordeiro, Isaac Grinberg, José Roberto do Amaral Lapa, Leonardo Arroyo, Moysés Gicovate, Guido Fonseca, Luís Castanho de Almeida, José

Augusto Vaz Valente, Edgard de Cerqueira Falcão, Paulo da Silveira Santos, Ernani da Silva Bruno, Wilson Maia Fina, Mário Savelli e Délio Freire dos Santos.

Dando continuidade à existência dessa corporação, da plêiade inicial, permanecem Manuel Rodrigues Ferreira e Célio Debes, os dois remanescentes do grupo fundador. Do quadro inicial, permanecem, também na sequência das respectivas cadeiras, Alice Piffer Canabrava, Celso Maria de Mello Pupo, Diwaldo Gaspar de Freitas, Eduardo d'Oliveira França, Emanuel Soares da Veiga Garcia, Aldo Janotti, Hélio Damante, José Afonso de Moraes Bueno Passos, Manuel Nunes Dias, Miguel Reale, Myrian Ellis e Odilon Nogueira de Matos. Contamos, ainda, e na mesma ordem, com os que vieram completar nossos quadros, Ruy Altenfelder Silva, José Sebastião Witter, Duílio Battistoní Filho, Roberto Machado Carvalho, Samuel Pfromm Neto, Guido Palomba, Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci, Duílio Crispim Farina, Hernani Donato, Douglas Michalany, Yvone Capuano, Luiz Gonzaga Bertelli, Ana Maria de Almeida Camargo, Erwin Theodor Rosenthal, Maria Beatriz Nizza da Silva, Israel Dias Novaes, Ermeric Levai, Paulo Bonfim, Nelly Martins Ferreira Candeias, Jesus Machado Tambellini, José Celestino Bourroul, Adilson Cezar, José Geraldo Evangelista, Alzira Lobo Arruda Campos e José Gonçalves Salvador.

Enfrentando dificuldades de toda sorte, inclusive materiais, o que mais preocupa, ameaçando-lhe a existência – como de resto, está a sufocar as instituições culturais em geral –, é o desinteresse pelas atividades intelectuais, e mesmo a animosidade, ainda que dissimulada, contra elas. Alinha-se nessa malsinada frente – além dos nunca assaz assinalados órgãos oficiais e meios de comunicação –, para maior pesar, a descuidada formação da juventude, submetida a um ensino deficiente e distorcido, que ignora o passado e o desdenha, quando não, se alimenta de versões deturpadas ideologicamente...

O empenho que marca estes trinta anos de atividade ininterrupta se alevanta como aval do persistente empenho na manutenção da existência da **Academia Paulista de História**!

Célio Debes

Secretário-Geral
da Academia Paulista de História

REMINISCÊNCIAS DA ESCOLINHA...

Mário de Mello Faro

Assim era cognominada a Escola Paulista de Medicina, não de forma pejorativa... mas, sim, de maneira carinhosa... era realmente a nossa querida escolinha.

Cruzou seus umbrais grande número de médicos que de alguma maneira contribuíram para o aprimoramento do ensino médico e da arte de curar.

Muitas são as histórias ocorridas em seu meio, de sabor bastante variável.

Assim, cursando o seu pré-médico, instalado no Liceu Pan-Americano, já tínhamos a oportunidade de conviver com os veteranos, principalmente quando o tema era alegria e esporte, dois fatores que se completavam inúmeras vezes.

Por ocasião da Pauli-Poli, competição poliesportiva disputada entre os acadêmicos da Escola Paulista de Medicina e os da Escola Politécnica, o meio estudantil movimentava-se durante uma semana, quer pelas disputas, comentários e comemorações, quer pelas vitórias ou derrotas de ambos os lados.

Era uma semana descontraída e inesquecível. Uns competiam, outros torciam e grande parte disputava o jogo do copo, sorvendo à noite, no Franciscano, um chope comemorativo.

Após alguns copos, os ânimos se elevavam, com debates vibrantes, para definir quem era o melhor. Uns copos a mais e os ânimos se exaltavam, acabando em discussões acaloradas e mesmo em algum tipo de baderna.

Certa feita resolveram os alunos da Pauli e da Poli avançar um pouco mais do que o razoável, atirando Rua Líbero Badaró abaixo tonéis de chope, que rebentavam com enorme estrondo, ao bater nos muros das lojas comerciais existentes na esquina daquela via com a São João.

A polícia foi chamada para acalmar os ânimos, tendo acabado em cadeia para os mais agressivos.

Ainda no Pan-Americano, ocorria que determinados alunos, não muito chegados ao estudo, conseguiam obter notas bastante elevadas em relação ao tempo despendido na sua arte.

Após denúncia, acabamos descobrindo o milagre e seu santo... Grupo de colegas no final do dia voltava ao Pan-Americano e, na calada da madrugada, fazia a dissertação não realizada no período regulamentar do exame. Não era à toa que tiravam boas notas. Sempre existem os espertalhões, zombando da boa-fé de muitos.

Terminado o pré-médico e prestado o exame vestibular, estávamos então percorrendo o recinto da Escolinha. Tudo era novidade. Chegamos ao primeiro ano portados de uma curiosidade incomum e deslumbrados com os acontecimentos.

As aulas de Anatomia Descritiva eram ministradas por discutido professor, não tanto pela sua sabedoria, mas, simplesmente, pelo seu mau humor.

Programava e realizava arguição prévia para selecionar os alunos que iriam fazer a prova escrita... somente os que tivessem obtido nota acima de cinco.

Toca o telefone e o professor volta irado e impaciente com os alunos; distribuiu à vontade notas de zero a quatro para grande parte dos estudantes, deixando de prosseguir nos exames cerca de quarenta alunos, indo diretamente para a segunda época, entre eles o autor.

Noutra ocasião, colocou um barbante umedecido entre os músculos da coxa e matreiramente perguntou que nervo era aquele. O aluno tentou achar um nome, mas não acertou, como era de se esperar, tendo ganho um zero e ainda a pecha de imbecil.

Coisas da vida de estudante que sempre deixam saudade.

Estávamos no segundo ano, residia em pensão situada na Avenida Brigadeiro Luiz Antônio. Na primeira noite, não consegui conciliar o sono, com a sensação de prurido intenso pelo corpo. Como sou alérgico, imaginei que a minha urticária andava mal. Acendi a luz e me vi coberto de percevejos.

Pela manhã, mudei-me imediatamente para a Praça Oswaldo Cruz, onde já morava colega santista.

Necessitava ele de elevada nota para não ir para segunda época. Foi fazer a prova de Química armado. Apesar de lhe pedir que deixasse o revólver no quarto, respondeu-me: "O professor deixa-me passar ou será o seu fim". Tentei de todas as maneiras movê-lo, sem resultado.

Foi ao exame, não passou, o professor tomou-lhe a arma e saiu como herói, enquanto o aluno, além de reprovado, foi suspenso.

Ainda, no segundo ano, tínhamos aulas de Anatomia Topográfica com o mesmo professor.

Havia um terceiro anista dependendo daquela matéria e freqüentando as nossas aulas.

Para passar de ano, necessitava tirar sete, do contrário perderia dois anos.

Assim, montou um sistema de cola insusitado. Os exames escritos eram realizados no 4º andar do prédio do Hospital São Paulo, em construção. No 5º andar, ainda vazio, ficava um colega munido de um sistema de transmissão. O aluno tinha em seu corpo um conjunto de recepção e o fone estava conectado ao seu relógio de pulso.

Sorteado o ponto, bedel aliciado, leva ao 5º andar as questões a serem desenvolvidas.

Foi uma transcrição *ipsis literis* do Testut-Latarjet.

Ao saírem as notas, havia recebido um seis, insuficiente para passar. Pediu revisão de prova e a banca disse ao professor que pelo menos daria nove, em função da memória prodigiosa do aluno.

Não satisfeito, o professor deu apenas um sete, suficiente para passar de ano.

Atingimos o terceiro ano, ainda com cadeiras básicas, entre elas a de Patologia Geral.

As aulas eram ministradas numa grande sala ao longo da passagem exterior.

Pouco se via ou ouvia, a não ser em voz muito alta.

Tínhamos um colega muito católico, cujo apelido era Nico e, por ser carola, o colega da arma o chamava de "Nico filho de um bispo". Em plena aula, surge o gaiato e, pelas guilhotinas da janela, grita em alta voz: "Nico filho de um bispo, larga essa aula chata e vem para fora".

Foi uma gargalhada geral e o professor nada compreendeu.

Começamos o quarto ano já com jeitão de médicos... estetoscópio no pescoço e muitas idéias na cabeça.

Iríamos ter contato com as clínicas e os enfermos.

As aulas de Propedêutica Médica permitiam-nos estar bem próximos dos pacientes.

Havia um colega dependente dessa matéria e quando argüido serviu de exemplo do roteiro de exame do paciente ou anamnese.

O assistente da cadeira sorteou o doente e o aluno pôs-se a interrogá-lo e a examiná-lo. No final, chegou a um diagnóstico de probabilidade e, apto ao exame, disse sobre o que havia encontrado.

Em determinado momento, disse ao assistente que o paciente tinha edema nos dois maléolos. O assistente lhe perguntou: "O senhor examinou o doente e encontrou edema nos dois maléolos... é verdade?" Sim, disse o doutorando.

O assistente, conhecedor do caso clínico, insistiu se o edema era num ou nos dois maléolos e se o aluno havia constatado o fato. Afirmando existir edema nos dois maléolos, nosso colega foi surpreendido com a retirada abrupta dos lençóis, mostrando que o paciente possuía uma perna amputada.

Não é preciso dizer que foi reprovado.

Passamos para o quinto ano, no qual as expectativas haviam aumentado. As cadeiras de Clínica e Cirurgia despertavam o interesse dos alunos.

Começa a surgir o interesse dos futuros clínicos, cirurgiões ou outras especializações.

Numa das aulas de Clínica Cirúrgica, o professor, como um pavão, rodeado por seus discípulos, ao fazer demonstração de uma tireoidectomia parcial, disse ser necessária muita cautela para não seccionar vaso de calibre regular.

Assim, inicia a cirurgia e secciona, passmem os senhores, a artéria principal, com abundante hemorragia, contornada pela habilidade do cirurgião.

Ainda no quinto ano, freqüentando o Ambulatório de Clínica Médica, solicitei a determinada paciente que se despiasse atrás do biombo, existente para esse mister.

A seguir, iria completar a anamnese e o exame físico para chegar a um diagnóstico de probabilidade.

Chamei-a para prosseguir no exame e surgiu completamente nua, como havia nascido, sem nenhum constrangimento.

Foi uma surpresa momentânea superada com muita fleuma, sem desconforto algum, pois era o seu médico.

Assim, atingimos o sexto ano... reta final. Quase doutores, cada qual buscando freqüentar as cadeiras das especialidades que iria praticar.

Era o ano decisivo e das esperanças inúmeras. Tínhamos aulas de Terapêutica Clínica, na Policlínica, locada na Rua do Carmo, e aprendíamos ao mesmo tempo como receitar e como manter a atitude de médico. Depois das aulas, um encontro informal na Vienense para um longo bate-papo e uma salutar paquera.

Por vezes, passávamos algum tempo no Hospital Emílio Ribas, chamado de Isolamento, pelas enfermidades que abrigava. Uma tristeza só.

Aos sábados, para completar o fim de semana, aulas de Medicina Legal no necrotério do Araçá, como último passo para um merecido descanso semanal.

Assim era a Escolinha...

Com muita saudade daqueles tempos, dos colegas e dos professores, rendo minha homenagem aos que não completaram a caminhada.

Mario de Mello Faro
Turma de 1946

A MÁSCARA

Paulo Bomfim

E porque em todos os dias há sempre um pouco de Carnaval, resolvi me fantasiar de velho e sair pela cidade.

Bem maquiado, cabelos pintados de branco, rosto levemente enrugado, meio curvo, passos lentos e sorriso cansado, saio à rua passando pela portaria do prédio, onde ninguém toma conhecimento de minha passagem.

Na Rua Augusta, entro e saio do ônibus pela porta da frente, fingindo que os degraus estão um pouco altos para minhas pernas. Em seguida, tomo o metrô usando o bilhete da terceira idade. Fico em pé diante de uma jovem que sorri para mim.

Esquecido do disfarce que ocultava minha mocidade, sorrio também para ela e me preparo para uma abordagem lírica. Súbito a moça, sempre sorrindo, levanta-se e me oferece seu lugar. Agradeço, meio desapontado (realmente, a farsa estava dando certo!).

Desço na Praça da República e resolvo entrar numa loja. Uma moça olha para mim e dispara a flechada:

– O senhor dever ter sido um homem bonito!

– Por quê? – indago.

– Porque o senhor ainda tem traços...

Qual, a fantasia que vestira principiava a me incomodar!

Entro num banco e o funcionário me aponta a fila dos idosos e das grávidas.

Sinto-me transparente. As pessoas não falam mais comigo, falam através de mim!

De vez em quando, um sorriso de ironia ou de piedade; às vezes, o olhar de curiosidade de alguém que visitasse um museu ou um casarão transformado em espaço cultural.

Na praça, procuro as normalistas da Caetano de Campos e encontro apenas camelôs. Na Barão de Itapetininga, busco no meio da multidão o escritório de Guilherme de Almeida e o ateliê de Quirino da Silva e Flavio de Carvalho.

Tudo inútil. A valsa das antigas confeitarias foi substituída pelo grito de pregadores evangélicos e de vendedores ambulantes.

Entro no prédio da Light e pergunto pela sala de Ubirajara Martins.

Ninguém o conhecia.

– Mas ele é diretor aqui. É o criador do pique-pique na Faculdade do Largo de São Francisco.

O segurança, acreditando em meu disfarce, olha através de mim e faz um gesto a seu colega que observava de longe.

Subitamente, percebo que me encontro em um shopping, rodeado de vitrines que exibem produtos desconhecidos e de pessoas tensas e de ar ausente que sobem, paradas, escadas que se movem na direção de outros andares. Exatamente como a vida, como aquele momento em que um senhor, perplexo, era conduzido para o futuro numa escada de horas movediças.

No quinto andar, encontro o historiador Delio Freire dos Santos, que me conduz à exposição de arte tumular que organizara. Só ele me reconhece sob a fantasia envelhecida.

Contemplando a reprodução de obras de arte nos cemitérios paulistanos, criadas por escultores que foram meus amigos e expostas nos túmulos de personalidades tão ligadas à história de São Paulo, eu me sinto em casa!

Depois de abraçar o expositor, passo pela Livraria Teixeira, sempre incógnito, e percebo na vitrine a fisionomia de meu último livro.

Chegando em casa, com um cansaço estranho para minha idade real, fui até o espelho e procurei arrancar a máscara que colocara.

Não saía nem com o banho quente em que mergulhei o corpo e a cabeça. E nada. Estava tão bem colocada que não conseguia arrancá-la!

Pedi à minha mulher que me ajudasse a retirar do rosto a incômoda peça e notei surpreso que também ela se achava disfarçada.

O curioso é que não estranhou o meu disfarce de idoso, como se tivesse pouco a pouco se familiarizado com a farsa!

Fui dormir com um único pensamento latejando em minha cabeça:

– Amanhã eu acordarei sem a máscara; sim, amanhã o meu brinquedo estará jogado aos pés da cama onde um jovem sonhou que era velho...

Paulo Bomfim
Príncipe dos Poetas

SENTIMENTOS

José Carlos Barbuio

RAZÃO E EMOÇÃO

A psicologia moderna, nos mesmos passos dos gregos antigos, ensina que, para sermos felizes, temos de submeter nossas emoções ao comando da razão. É de uma simplicidade palmar esta afirmação. *Não podemos extirpá-las, pois elas fazem parte do nosso ser e nos trazem felicidade, também.* Entretanto, a razão deve estar sempre no comando. Refiro-me, neste artigo, principalmente, às emoções destrutivas, como a soberba, a vaidade etc. E esclareço, também, que o grau de intensidade é que as torna maléficas, isto é, quando fogem ao controle da razão. Pois, quando elas se apresentam dentro dos parâmetros racionais, podem ser saudáveis, como o orgulho e a alegria dos pais pelo desenvolvimento intelectual de um filho. A razão tem suas limitações, mas é o único instrumento de que dispomos para "domar" os sentimentos e sermos felizes.

O ORGULHO (SOBERBA)

O orgulho é um dos sentimentos mais complexos das nossas manifestações afetivas. Antecede nossos outros vícios. Não se trata aqui do orgulho sadio, mas sim daquele que já dominou o nosso comportamento, de uma maneira geral. É um desejo desorganizado, obsessivo, de poder e de superioridade. Tomas Eloy Martinez, citando um filósofo francês, enfoca muito bem este lado negro da nossa alma, em seu livro *Soberba*: "Um (o orgulhoso) ser estranho e desnorreado, que não pára de vagar de um lado para o outro, surdo e cego... *Ele é como uma abelha rainha que voa para as alturas, às cegas, apoderando-se de tudo o que encontra em sua volta, sem piedade ou remorso, pois veio a este mundo somente para esse voo. Voar rumo ao vazio é seu orgulho, e também sua condenação.*"

O ORGULHO (SOBERBA) II

Em nossa sociedade individualista e consumista, pessoas impregnadas de *orgulho* passam até despercebidas, pois muitas vezes dissimulam-no com a humildade. Outras são até elogiadas pelo seu espírito empreendedor (empresários, líderes etc., que dão ordens sem parar). Entretanto, o vazio contido em seu interior alucina-as, *pois sentem que lhes falta essência.*

VAIDADE

A vaidade pode ser confundida com o *orgulho*, mas são sentimentos diferentes. Não trato aqui da vaidade sadia, do desejo

de reconhecimento justo, da alegria pelo desenvolvimento. Faço da *vaidade compulsiva*, cuja meta é a vitória, pelo *hostil prazer de derrotar o outro*. Enquanto o orgulho é uma emoção abrangente completa, seca, a vaidade exacerbada constitui um estado de espírito, que transita por entre várias outras afetividades ou situações. A vaidade é mais uma atitude do que uma característica. A pessoa entra, vaidosamente, em uma situação, ou não. Por exemplo, se um goleiro vaidoso diz: "Vou pegar todas as bolas, sou o bom", *pode se dar mal*, pelo "salto alto". Ou pode ficar inibido (e falhar), pelo medo de perder.

FELICIDADE INFANTIL

De vez em quando, ouço pessoas falarem sobre crianças: "Que idade boa! Pudera eu voltar à infância!" Acolho, com reservas, esses comentários. Não troco a serenidade da consciência adulta pela felicidade inocente, que é fantasiosa. A fantasia traz alegria, mas também é produtora permanente de frustrações.

FELICIDADE ADULTA

O adulto, ao contrário da criança, busca com mais intensidade a razão. Usufrui da vida com consciência do que ela tem de melhor. É a *desilusão*, que é racional, é uma arma poderosa para lidarmos com a realidade e com os prazeres concretos que a vida pode proporcionar. Devemos procurar a *desilusão* de que nos fala Maria Rita Kehl, com as seguintes palavras: "Uma desilusão que nos coloca diante da nossa condição: somos humanos, somos mortais, somos solitários, somos incompletos. Mas, uma vez aceitas as determinações fundamentais da condição humana, uma vez rompidos os domínios da fantasia, abrem-se para nós as possibilidades infinitas do domínio das paixões: nem a onipotência, nem a submissão, mas a conquista do território humano. O mais vasto território por onde o desejo pode se mover."

FRASE (Festas e Reuniões)

"A vida da 'sociedade' afasta as pessoas em vez de juntá-las, desidrata as relações pessoais, artificializa os contatos entre parentes, irmãos, pais e filhos. O preço da badalação é a eterna solidão" (Millôr).

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Alfredo de Freitas Santos Filho

Conselho Cultural: Dullio Crispim Farina (presidente) / Carlos Alberto Salvatore / Antônio Valdemar Tosi / Marisa Campos M. Amato / Rui Telles Pereira / Yvonne Capuano / João Marques Teixeira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira